

**O PAPEL DAS MULHERES NAS PROPRIEDADES RURAIS E A CONSTRUÇÃO DA
SUCESSÃO GERACIONAL**

Caroline Garcia Tasso¹
Rosani Marisa Spanevello²

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo discutir a sucessão geracional feminina e como a influência do patriarcalismo e dos padrões sociais tem prejudicado a participação feminina no meio rural, em especial nas atividades compreendidas como agrícolas. Tradicionalmente a mulher rural se dedica aos serviços domésticos, educação dos filhos, cuidados com a horta, bem como preparo de geleias e compotas, sendo estas tarefas entendidas como afazeres domésticos e de pouca importância social e econômica pelos demais membros da unidade familiar. Através de uma pesquisa online com mulheres rurais, buscou-se caracterizar as entrevistadas e compreender qual sua visão quanto a sua posição na sucessão rural. Os resultados amostrados apontam, que as entrevistadas em sua maioria possuem interesse em permanecer na atividade rural, portanto tem interesse em suceder a família nas atividades rurais, e para isso buscam conhecimento na academia. Porém é necessário maior investimento em políticas públicas para promover a redução da desigualdade de gênero enfrentada pelas pretensas sucessora, para tenham as mesmas condições de concorrer com seus pares à sucessão das propriedades rurais.

Palavras-chave: Sucessão geracional, mulher rural, gênero.

¹ Caroline Garcia Tasso, Universidade Federal de Santa Maria, carolgtasso@gmail.com

² Rosani Marisa Spanevello, Discente do Programa de Pós-Graduação em Agronegócios, Universidade Federal de Santa Maria, Palmeira das Missões, rspanevello@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A sociedade passou por diversas modificações ao longo dos anos, alterando também as relações das famílias rurais, na qual as mulheres passaram a ocupar posições de maior destaque e importância, tanto na gestão da propriedade rural, como na realização de atividades que antes eram preponderantemente masculinas. É importante compreender que tudo o que somos decorre do contexto social, ou seja, é a reprodução do meio em que vivemos, portanto, todas as condutas reproduzidas no meio urbano ou rural foram de alguma forma transmitidas por nossos antecessores.

No contexto brasileiro, segundo dados do Censo Agropecuário de 2017, as mulheres estão na direção de 19% dos estabelecimentos agropecuários do país, sendo que a região sul apresenta menor percentual se comparada as demais regiões com 7,7%. Destes 19% de mulheres na direção dos estabelecimentos, 81% destas tem terras próprias e executam trabalhos majoritariamente voltados a pecuária e criação de animais (52%) seguido da produção de lavoura temporária (32%), entre os principais destaques. Ademais, nos estabelecimentos comandados por mulheres, observa-se que 14,7% dirigem veículos, 5,7% possuem implementos agrícolas e 5,6% tratores, 5,3% são associadas em cooperativas e 31% não dispõem de informações técnicas. No caso do Rio Grande do Sul, de um total de 365.052 estabelecimentos, apenas 43.893 são comandados por mulheres. (CENSO,2017).

O objetivo geral é analisar as mulheres rurais frente ao trabalho e a gestão agrícola, bem como o seu lugar no processo sucessório das propriedades, em comparação com os homens e os objetivos específicos: Caracterizar o perfil social das entrevistadas; Avaliar como as mulheres participam no trabalho e na gestão da propriedade; Analisar as perspectivas sucessórias das mulheres frente as propriedades em comparação com os demais membros da família.

A pesquisa, visou a elaboração de um estudo sobre a evolução histórica do papel das mulheres rurais, bem como analisar como ocorre a sucessão familiar na atualidade. O intuito desta pesquisa é conhecer o perfil das mulheres rurais e como a evolução histórica contribui para aceitação das mulheres na gestão conjunta ou individual das propriedades rurais. Identificar sua influência na tomada de decisões.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Os dados foram coletados através de aplicação de questionário online, por meio da plataforma Google Forms. Foram coletados um total de 29 formulários, com a finalidade de analisar o papel da mulher na sucessão geracional, devido a pandemia de Covid-19 a coleta foi realizada de modo online, podendo assim ter refletido no baixo número amostral.

O espaço geográfico da pesquisa foi caracterizado por mulheres residentes no estado do Rio Grande do Sul, sendo elas sucessoras ou pretensas sucessoras rurais.

A coleta foi realizada de forma aleatorizada tendo em vista a utilização de formulário online e de caráter casualizados. O questionário teve como foco as seguintes questões: idade, escolaridade, desempenho trabalho agrícola na propriedade, dificuldade em realizar mudanças na propriedade rural e a sucessão rural. O questionário possuía 11 perguntas que deveriam ser respondidas de acordo com as particularidades de cada entrevistada.

3 RESULTADOS

O estudo realizou alguns questionamentos a fim de relacionar suas implicações na sucessão geracional. O primeiro ponto abordado trata do local de residência das entrevistadas, seguido da idade e nível de escolaridade. Posteriormente buscou-se questionar as entrevistadas que possuíam curso superior, se sua área de formação estava vinculada as ciências agrárias. Buscou-se também questioná-las quanto ao exercício de atividades rurais, bem como sobre a dificuldade de realizar mudanças na propriedade rural. Após foram então questionadas se havia interesse em continuar trabalhando na propriedade de sua família.

Quanto a caracterização das entrevistadas a média de idade amostral entre 19 e 25 anos (72,4%). Em sua maioria (62,1%) residentes da zona rural, embora em sua maioria tenham informado que residem no meio rural, frise-se que de forma temporária a maioria delas está residindo na zona urbana, para concluir sua formação profissional. Quanto ao grau de escolaridade mais da metade das entrevistadas possuem ensino superior incompleto (58,6%), das entrevistadas cursando ou que já concluíram o ensino superior para 86,4% o curso tinha relação com as ciências agrárias. Porém a formação em curso superior ligado as ciências agrárias, não gera uma diminuição na diferença tratamento lançada às mulheres devido a condição gênero.

Quanto ao enfrentamento de dificuldades para inserir novas tecnologias ou realizar pequenas mudanças 58,6% das entrevistas afirmaram que enfrentam dificuldades, enquanto 27,6% delas, relataram que talvez encontrem dificuldades em implementar pequenos ajustes ou alterações na propriedade. Como apresentado por Spanevello et al., as jovens buscam independência financeira através de atividades não agrícolas, o que por muitas vezes pode estar relacionado a falta de incentivo dos pais, pois futuramente quem irá suceder o pai na propriedade é o filho e não a filha e na falta dele o gênero.

Como visto pelos pesquisadores supra citados as mulheres rurais consideram sua mão de obra simplesmente como “ajuda”, existindo uma relação clara de subordinação das mulheres aos homens em especial nas relações de gestão da propriedade, onde elas não têm contato com a assistência técnica, área de comercialização e não decidem sobre investimento, bem como possuem dependência financeira, pelo fato de não auferirem remuneração pelo trabalho prestado. (SPANEVELLO et al., 2019, p. 258)

Quanto à profissionalização as jovens, saem do meio rural em busca de conhecimento, mas pelo fato de serem preteridas na gestão da propriedade pelos homens acabam exercendo labor para terceiros, como prestadoras de serviços, representantes comerciais, etc., ainda que vinculados a atividades rurais, porém não mais ligadas a propriedade da família.

As mulheres rurais enfrentam muitos desafios e eles se explicam por alguns fatores tais como pela vertente do patriarcado, divisão sexual do trabalho, e teoria de gênero. Há um processo estrutural das condições de gênero, para mulheres nos contextos rurais que lhes nega oportunidades e exige delas o enfrentamento e elaboração de sua existência. (MARQUES, TEIXEIRA e GONÇALVES, 2020, p. 4/5)

No tocante a continuidade de labor na propriedade da família 62,1% das mulheres afirmam que pretendem continuar trabalhando na propriedade rural. Porém, apenas 13,8% das entrevistas se apresentam como primeiras na linha de sucessão de forma exclusiva, 44,8% das sucessoras concorrem com irmãos na linha sucessória e 41,4% das entrevistas se quer pertence a primeira linha sucessória. Quando perguntadas se tinham irmãos, primos, cunhados ou outros parentes que concorriam com as entrevistadas na sucessão rural o apenas 20,7% não tinham concorrência masculina na linha sucessória.

Essa visão das entrevistas diz muito sobre as discussões abordadas durante o estudo, pois como na maior parte dos casos, as mulheres não são consideradas como possíveis

sucessoras, estas também não conseguem realizar mudanças, por menores que sejam na propriedade, bem como, não se vislumbram como sucessoras.

Esses dados deixam transparecer uma realidade a muito vivenciada no meio rural, as barreiras encaradas pelas mulheres ao decidirem fazer parte da gestão da propriedade rural. Estas barreiras são históricas e se apresentam marcadamente mais fortes para as jovens do sexo feminino que para os jovens do sexo masculino, como mostra o estudo de Kummer (2013). Neste sentido, é inegável que as jovens tem significativamente menos incentivos, por parte de seus pais, para permanecerem no campo e serem sucessoras, bem como menor participação nas atividades agropecuárias da propriedade e nas atividades gerenciais e tomadas de decisão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, percebe-se que a participação da mulher é importante para a manutenção dos jovens do sexo masculino no meio rural, bem como, são importantes na gestão da propriedade. É necessário, porém a criação de políticas públicas de valorização da mulher rural, para que ocorra valorização do trabalho desenvolvido por estas não somente no âmbito familiar, mas também relativo à produção agropecuária.

Nitidamente na sucessão rural devemos quebrar padrões intrinsecamente ligados ao patriarcalismo, onde os pais depositam maior confiança nos filhos homens para gerir a propriedade, ou transferir suas terras aos futuros herdeiros. As jovens não desejam continuar exercendo o mesmo papel e a mesma trajetória que suas mães, sem autonomia e reconhecimento.

Com maior autonomia, alcança através da evolução histórica, podemos almejar um caminho de mudanças no papel da mulher no meio rural, com maior inserção política e social.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Graziela. BREITENBACH, Raquel. **Gênero e sucessão rural: perspectivas das estudantes das ciências agrárias**. IX Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional: Processos, Políticas e Transformações Territoriais Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 11 a 13 de setembro de 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/viewFile/19023/1192612780> Acesso em: 23 de jun. 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Base de Dados: IBGE **Cidades**. 2021. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 10 jul. 2022.

KUMMER, Rafael. O Viés Enviesado: A migração Rural Feminina a partir do Olhar Masculino. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis,

2013. Disponível em: <
http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373329828_ARQUIV_O_KUMMER,R.Oviesenviesado_amigracaoruralfemininaapartirdoolharmasculino.pdf>
Acesso em 29 jul. 2022.

MARQUES, Tatyanne Gomes. TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins. GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. As Mães Pouco Escolarizadas Como Suporte para Jovens da Roça Terem Acesso e Permanecerem no Ensino Superior. **Educação em Revista**. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/37510/29235> Acesso em: 28 jul. 2022.

SPANEVELLO, Rosani Marisa; et al. Mulheres Rurais e Atividades não Agrícolas no Âmbito da Agricultura Familiar. **Desenvolvimento em Questão**, v. 17, n. 48, p. 250-265, 2019.

SPANEVELLO, R. M. et al. Women's work in dairy farming: analysis in modern, traditional and transitional production contexts in Rio Grande do Sul (Brazil). DRd – **Desenvolvimento Regional em Debate**, v. 10, p. 655-676, 2020. Disponível em: <
<http://www.periodicos.unc.br/index.php/drd/article/view/2826>>. Acesso em: 11 jul. 2022.